



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

História

História de Vida

História completa

Meu nome é Neuza Maria Paranhos de Almeida, nasci em São Paulo, 1962. Minha tia Ignez conta que eu batia o queixo no berçário da Beneficência Portuguesa, hospital do bairro da Liberdade. Era um dia frio de julho e eu devia estar muito emocionada com o fato de ter nascido. Pelo menos, até a adolescência, era assim que meu corpo reagia quando alguma coisa emocionante acontecia. Batia o queixo e tremia, tremia demais. Depois, fui melhorando. Quer dizer, hoje, aos 39, me tornei mais calminha. Saindo da maternidade, fui morar em um prédio pequeno, de três andares, na rua Juruá, no Pari. Eu, meu pai Geraldo e minha mãe Neuza moramos lá até 1965, mais ou menos. Tenho algumas reminiscências dessa época. Minha mãe acha que é impossível e eu mesma fico pensando que, o que tomo por lembrança, pode ser história contada e que eu acabei incorporando como vivida. É assim. Estou em um lugar pequeno, não muito iluminado. Há uma parede e, lá no alto, uma janela. Fico olhando, a espera de alguma coisa interessante que vem de lá. Meus pais contam sobre um casal de alemães que jogava balas para mim pela janela da área de serviço, no prédio da rua Juruá. Acham impossível eu lembrar - nem que seja uma reminiscência. Porque na época eu tinha uns dois anos. Vai saber, né? Em seguida, fomos morar em uma vila na rua Batista Parente, na divisa entre os bairros Belenzinho e Pari. Minha avó também morava lá, em uma casa quase em frente a nossa. E um casal amigo dos meus pais, que tinha um filho quase da minha idade, o Robertinho. Vivíamos brincando de médico, casamento e exploramos nossa sexualidade infantil sempre driblando nossas avós - a dele, a espanhola dona Bebé, também vivia lá e era uma fera. O mundo para mim não parecia muito tranquilo. As pessoas mais jovens, em particular, sempre tinham um impedimento ruim a lhes atrasar as vidas. Lembro da Nena, irmã de minha avó e sua filha adolescente Carmo. Não sei por quê, eu sabia que Carmo queria muito namorar e essas coisas. Mas a Nena achava isso péssimo. E estava disposta a qualquer coisa para impedir. Como eu sabia disso? Talvez alguma conversa escutada. Ou intuição mesmo... dizem que as crianças são intuitivas. Eu tinha uns três anos e já meditava sobre coisas perturbadoras que se passavam a minha volta. Parecia a Mafalda, a personagem garotinha do cartunista Quino, que vive desconcertando os adultos com as perguntas e constatações sobre o mundo deles. Uma coisa em particular enchia meu coração de alegria: ouvir o disco dos Beatles à noite, antes de dormir, na nossa vitrola estereo Philips. Ainda hoje tenho o bolachão do filme Help, de 1965. Os meninos bonitinhos e cabeludos que cantavam ié-ié-ié se tornaram meu ideal de vida. A vitrola também era fantástica. Um móvel bonito cheio de botões e sinaizinhos indicando a numeração do dial. Anos depois, lá para 1968, eu e meu irmão passaríamos tardes brincando de nave espacial girando os botões da vitrola. Já adulto, ele se tornou pintor e a levou para seu atelier. Até pouco tempo atrás, ela ficava lá, quietinha e toda melada de tinta. Outra coisa boa na vila era "comer caminha" sentada na calçada junto com a Rita, uma mocinha que, de vez em quando, ficava comigo. A "caminha" era músculo cozido na panela de pressão pela minha avó para fazer sopa de legumes. Desde essa época já gostava de gatos - hoje tenho 9 - e tinha o Chiclete, nome escolhido por meu tio Sílvio que morava com a minha avó. O pobre do Chiclete vivia para ser agarrado e apertado por mim, daí o nome. Tenho uma foto com ele no meu colo, feita pelo meu pai. A imagem mostra o bicho tranquilo, se cheguei a encher sua paciência ou machucá-lo me desculpo desde já com o mundo felino: sorry Chiclete Eu era criança.... Além dos Beatles, tinha outros discos de que eu gostava: um deles era o compacto do Trio Esperança, com "Gasparzinho" e "A Festa do Bolinha" e "A Tartaruga". Esse era meu mesmo - o Help era do meu pai. Depois, ganhei o bolachão com a história da Branca de Neve na versão Disney. Na cena em que a madrasta manda matar a Branca de Neve eu ficava apavorada e me escondia atrás da geladeira. Um dia, estava doente, com febre. Minha mãe pôs a Branca de Neve para eu escutar e saí correndo da cama, descalça, na hora fatal. Com certeza fui uma criança bem sensível. A tia Ignez conta que, nessa fase, me escondia pelos cantos, às vezes. Chorava dizendo "Ninguém gosta de mim!". Por isso, ela achava que eu seria atriz quando crescesse. Não fui. Me tornei jornalista porque gosto de escrever. Também era voluntariosa. Uma vez, berrei com minha avó "Que raiva" Ela respondeu com um bordão seu: "Tá com raiva? Tira as calças e pisa em cima." Foi isso mesmo que eu fiz. Minha mãe me flagrou na cena, embaixo da escada, e riu muito. Em outro acesso de raiva, fui pra debaixo da mesma escada da casa na vila. Tinha surrupiado uma tesoura, que usei para cortar a franja. Não lembro exatamente quando o Geraldo nasceu. Ele se apressou e quis ver o mundo aos sete meses de gestação, em janeiro de 1964. Minha mãe toda culpada porque tinha se esforçado demais, fazendo a mudança do apartamento da rua Juruá para a Bastista Parente sozinha. Dona Neuza conta até hoje, com uma boa dose de mágoa, que nesse tempo era muito solitária. Meu pai saía para trabalhar de manhã e voltava à noite. Era advogado e tinha conseguido um emprego bom na Voith, siderúrgica alemã recém-instalada no Jaraguá, onde trabalharia por 28 anos. A nona Luísa, minha avó por parte de mãe, era meio desligadona nessa época. E não aparecia para ajudar. A única que dava uma força era a vó Lourdes, mãe do meu pai. Eu sentia o clima meio tenso lá em casa. E minha intuição infantil não estava errada. Um ano depois, minha mãe teve uma crise de sopro no coração. E teve que ficar uns tempos de molho, na casa da nona Luísa. Eu e meu irmão Geraldo, ainda bebê, ficamos com a vó Lourdes. Um tempinho depois, eu e o pai fomos internados com desidratação. Graças a Deus saímos dessa inteiros. Passada a crise, minha mãe não quis mais saber da casa da vila, que era nossa. Ela sempre tinha se sentido muito sozinha lá, longe dos parentes que moravam todos no Pari. Inexperiente e eternamente ruim para lidar com dinheiro, meu pai teve que vender a casa para pagar um mau negócio que havia feito: a compra de um apartamento em Higienópolis, ainda no chão. Ficamos sem os dois imóveis. Em 1966, fomos morar em um apartamento alugado no Pari, na rua Conselheiro Dantas, perto da família da minha mãe. Meu tio Sílvio, que tinha migrado para os Estados Unidos, voltou fugido, nessa época, depois de ter sido convocado para a Guerra do Vietnã. Foi uma grande decepção para ele, que gostava da cultura americana e sabia cantar músicas do Frank Sinatra. Mas eu não sabia nada disso. E fiquei felicíssima com o Mickey e o Dumbo infláveis, maravilhosos e do nosso

tamanho, que ele trouxe de presente. Tenho fotos no aeroporto de Congonhas segurando os bonecos: o Mickey ficou para mim e o Dumbo para o Geraldo. Em 1968, ficamos presos em uma enchente na avenida Nove de Julho, enquanto estávamos indo para o Parque do Ibirapuera, ver o carnaval. No fusquinha do meu pai, ele, a mãe, a vó Lourdes, eu e o Geraldo. Veio o aguaceiro. Minha mãe conta que a situação ficou perigosa e os adultos tiveram que disfarçar enquanto a enxurrada formava um rio na avenida e entrava no carro. Fiquei altamente traumatizada e não perdia um Repórter Esso para saber a previsão do tempo. O noticiário também falava da Guerra do Vietnã e dos terroristas. Não sei por que, eu juntava esse clima de agitação ao seriado do Nacional Kid. Não se sabia quem era mais assustador: o Nacional Kid ou os bandidos-monstros que viviam no centro da terra, os Seres Abissais. Nesse mesmo ano, mudamos para a casa da rua Estiva, hoje Teresa Francisca Martim. Era uma casa térrea, com um quintal grande. No fundo, um gramado com três grandes seringueiras, um pé de goiaba, outro de manacá, uma parreira de uvas e não sei mais quantas árvores. Também tinha um galinheiro desativado, que minha mãe ajeitou para que eu brincasse de casinha. Foi a época mais iluminada da infância. Todos os fins de semana, a família se reunia para fazer churrasco. Ou então, promoviam passeios ao Zoológico, ao Parque do Jaraguá ou a Santos, em apartamentos emprestados de amigos ou vizinhos. Minha família, tios, primas e primos, todos ainda jovens. Era bem animado e guardo essas lembranças com felicidade. Fazia o pré-primário no Santa Terezinha, colégio de freiras a poucos metros da minha casa. O Pari era bem tranqüilo nos anos 60, com ares de cidade de interior. Logo, eu e o Geraldo passamos a brincar na rua com a criançada. O mundo e o Brasil estavam passando por mudanças tremendas em 1968. Aos seis anos, de alguma forma, captava tudo isso. Uma vez, fiquei presa com minha mãe nas lojas Americanas, no centro da cidade. Estava acontecendo uma passeata de estudantes. Minha mãe entrou comigo na loja, que fechou as portas até tudo se acalmar. Ela tentou me deixar tranqüila. Imagine se a "Mafalda" não ia se lembrar dessa passagem para o resto da vida. Meus pais desde aquela época tendiam politicamente para a esquerda - mas longe de se engajarem em qualquer movimento. Os sonhos e pesadelos de 1968 continuaram povoando meu mundo infantil. Um deles, particularmente delicioso. O disco Tropicália, comprado por meu pai, virou trilha sonora dos domingos de manhã. Lembro de acordar com os violinos introdutórios de Baby, de Caetano Veloso, cantada pela Gal. Uma felicidade imensa saber que daí a pouco, tomaríamos Nescau e sairíamos com ele para passear. Os lugares preferidos do pai para levar a criançada (eu, Geraldo e mais uma legião de amiguinhos da rua): O Jardim da Luz, o Parque Trianon, na avenida Paulista, o Ibirapuera e a Praça da República. Na República, havia um espaço reservado para as crianças desenharem. Era um cercado. Cada criança que entrava recebia papel, pincel e, no chão, podia desenhar e pintar o que quisesse com a tinta guache que eles mesmos forneciam. Não sei quem organizava essa brincadeira bacana. Meu pai ficava do lado de fora, olhando a gente brincar com sua inseparável máquina Yashika. Nossa infância foi toda registrada por ele, que levava jeito para a coisa - principalmente nas imagens em branco e preto. Em 1969 passei para o primeiro ano primário e... novidade. Minha mãe estava esperando nenê. Como? Oras, muito simples. Papai pôs uma sementinha na mamãe e... tcham, tcham. Irrião a caminho. Eu mesma queria que fosse irmã, para ser minha amiga. Eu e o Geraldo corríamos pelo quintal discutindo o sexo do nenê: "É menino" "Não, é menina". Ficou acertado que seria Ana Claudia ou Paulo Alexandre. Veio o Paulo, que se tornou viajante e conheceu a mulher chilena Paula, em Londres. Eles casaram, foram viver em Santiago e hoje têm uma filhinha, a Simona. O Paulo veio e me deu uma ciuemeira terrível. Para me consolar, meus pais me deram um cachorro. Um fox paulistinha branco e preto muito invocado que, crescido, apavoraria a garotada ao escapar para a rua. Eu escolhi o nome: Banzé, por causa de um cachorrinho que aparecia nos gibis do Pato Donald. Não bastasse a ciuemeira, a Regina, minha professora, sumiu. Assim mesmo: de um dia para outro, botaram uma freirinha muito sem graça no primeiro ano. E a Regina, a gracinha da Regina, uma moça de olhos claros e sardas, que dava a maior força para mim? Minha mãe conta que, quando os pais perguntavam sobre ela, as freiras desconversavam. Veio o folclore entre a meninada: uns diziam que ela tinha levado um tiro de um ladrão e ficado parálitica. Outros, que tinha fugido com o namorado. Tenho hoje para mim que, talvez, Regina militasse em algum movimento político de esquerda. Depois do AI5, as coisas começaram a se fechar. Vai saber o que aconteceu com a querida Regina... Comecei a fugir da classe para explorar o colégio. Em especial o andar onde dormiam as freiras, proibido para as alunas - só em 1970 o colégio passaria a admitir meninos. Ficava olhando as coisas delas, as camas altas e arrumadinhas. Um dia, reparei que algumas camas eram equipadas com penicos embaixo. Achei o detalhe gozado e ri tanto que quase acabei me denunciando. Uma coisa legal que aconteceu em 1969 foi a nave Apolo 11, que levou o primeiro astronauta para lua. Meus pais tentaram nos acordar para assistir ao evento pela televisão. Não deu, voltamos a dormir. No dia seguinte é que me dei conta do grande acontecimento. Passei a dizer que seria astronauta quando crescesse. O ano acabou e, junto com ele, a fase mais mágica da minha infância. Engraçado que, em 1970, a revolução cultural que acontecia no mundo começou a entrar em crise. O cerco político no Brasil se fechou de forma cruel, com gente sendo morta sob tortura. Eu não sabia nada disso, mas um dia vi na tevê uma notícia dizendo que os Beatles tinham acabado. Como assim? Os Beatles, que eu achava eternos e usavam roupas coloridas e tocavam músicas com barulhos de bichos no disco Seargent Peppers - outra das aquisições do meu pai. Foi um grande golpe para mim. O mundo ficou mais triste e eu comecei a decolar rumo à adolescência. Um processo longo e doloroso que custei a engolir. Mas essa é outra história. Fico por aqui, nos coloridos e agitados anos 60 da minha primeira infância. (Neuza Maria Paranhos de Almeida enviou esta história para o Museu da Pessoa em 13 de agosto de 2001 através do nosso site na Internet)